

A LINGUÍSTICA APLICADA QUE ME (RE)FAZ

Tania Regina de Souza ROMERO
Universidade Federal de Lavras (UFLA)

Resumo

Depois de cinquenta e seis anos de sua consolidação no Brasil, a Linguística Aplicada (LA) mantém uma característica marcante: sua constante evolução, impulsionada pelo diálogo com outras áreas do conhecimento. Este artigo tem como objetivo tecer reflexões sobre os caminhos percorridos pela LA a partir da perspectiva pessoal da autora, pesquisadora com longa trajetória na área. Partindo de um panorama histórico da LA na França, na Inglaterra, nos Estados Unidos e no Brasil, o texto focaliza sua configuração contemporânea no contexto brasileiro. Em complemento, são apontadas tendências observadas em outros países. Por fim, assinala-se como a LA tem sido desenvolvida pela pesquisadora ao longo das últimas quatro décadas, ilustrando-se as elaborações acadêmicas com exemplos de aplicações práticas decorrentes de sua atuação, especificamente em pesquisas sobre identidades, tendo como suporte a linguística sistêmico-funcional.

Palavras-chave: Linguística aplicada; História; Panorama contemporâneo; Identidades.

THE APPLIED LINGUISTICS THAT (RE)BUILDS ME

Abstract

After fifty-six years of its consolidation in Brazil, Applied Linguistics (AL) has maintained a remarkable characteristic: its constant evolution, driven by dialogue with other fields of knowledge. This article aims to reflect upon the paths taken by AL from the personal perspective of the author, a researcher with a long-standing trajectory in the field. Drawing on a historical overview of AL in France, England, the United States, and Brazil, the text focuses on its contemporary configuration in the Brazilian context. In addition, trends observed in other countries are highlighted. Finally, the article discusses how AL has been developed by the researcher over the last four decades, illustrating academic elaborations with examples of practical applications resulting from her work, specifically in identity studies supported by Systemic-Functional Linguistics.

Keywords: Applied Linguistics; History; Contemporary panorama; Identities.

LA LINGÜÍSTICA APLICADA QUE ME (RE)CONSTRUYE

Resumen

Después de cincuenta y seis años de su consolidación en Brasil, la Lingüística Aplicada (LA) mantiene una característica destacada: su constante evolución, impulsada por el diálogo con otras áreas del conocimiento. Este artículo tiene como objetivo reflexionar

sobre los caminos recorridos por la LA desde la perspectiva personal de la autora, investigadora con una larga trayectoria en el área. A partir de un panorama histórico de la LA en Francia, Inglaterra, Estados Unidos y Brasil, el texto se centra en su configuración contemporánea en el contexto brasileño. Además, se señalan tendencias observadas en otros países. Finalmente, se destaca cómo la LA ha sido desarrollada por la investigadora a lo largo de las últimas cuatro décadas, ilustrándose las elaboraciones académicas con ejemplos de aplicaciones prácticas derivadas de su actuación, específicamente en investigaciones sobre identidades, con el apoyo de la Lingüística Sistémico-Funcional.

Palabras-clave: *Lingüística Aplicada; Historia; Panorama contemporáneo; Identidades.*

1. Preâmbulos

Sou linguista aplicada. Assumi essa identidade há 41 anos. No início, eu não sabia bem o que isso significava, mas a Linguística Aplicada (LA) já me atraía. Confesso que ainda não sei de todos seus diversos tentáculos, já que se multiplicam. Vivencio alguns, sou apresentada a tantos outros quase sempre em interações com colegas. Até hoje, depois de cinquenta e seis anos que a LA aportou em nosso país, embora eu sempre me pergunte se é realmente necessário, já que definições são limitantes. E a LA não é. Essa elegante e camaleoa senhora continua imponente e perturbadora, conquistando corações e mentes. Afinal, ela já nasceu para ser mutante e contestar, características que sempre inauguram novos mundos.

Para discorrer sobre a LA, a proposta aqui estabelecida, não há como desvencilhá-la de mim mesma, de minhas percepções e vivências, uma vez que essa é uma das identidades de que mais me orgulho e ocupa um espaço enorme de minhas atividades cotidianas e projetos futuros. Foi através de LA que passei a ver o mundo sob um ângulo mais apurado e a compreender o ser humano mais profundamente. E a maravilha é que ainda há tanto para desvendar! Curiosidades e questionamentos não cessam, como aprendi ser o propulsor da ciência. E quando o objeto é a linguagem, o que faz o ser humano se distinguir e transformar o mundo, a dimensão se agiganta, se torna infinita!

Considerando que a linguista aplicada que sou hoje reflete pessoas e contextos anteriores, inicio pela história, respeitosamente reproduzindo vozes que reverencio e estão na origem da LA no Brasil, notadamente a da professora Antonieta Celani. Na

sequência, ofereço um panorama da LA atualmente no Brasil, com um exame das apresentações de linguistas aplicados no último evento da área, o 14º CBLA (Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada), no final de 2025. A seguir, faço comparações entre a LA brasileira e a de outros países. Consciente de que todo o quadro da LA é parcial e particular, passo a ilustrar algumas versões pessoais construídas ao longo dessas décadas de relacionamento intenso e apaixonado com a LA.

2. A HISTÓRIA QUE NOS CONSTITUI

Balizando-me por Celani (1992), a preocupação em definir e aceitar a LA como área legítima de conhecimento remonta ao século XIX. Caminhando lentamente, em 1946, na esteira da criação do *English Language Institute* por Charles Fries e Robert Lado, a Linguística Aplicada consta como disciplina na Universidade de Michigan. Bem depois, começam a surgir Associações da área que perduram até nossos dias, como a *Association Internationale de Linguistique Appliquée* (AILA), em 1964, a *British Association of Applied Linguistics* (BAAL), em 1966. Na década seguinte, intensos debates com a *Linguistic Society of America* (SLA) que a queria subjugar, o desejo de criar uma Associação própria nos Estados Unidos da América se fortalece, o que leva à efetiva fundação da *American Association of Applied Linguistics* (AAAL), em 1977, em Miami, durante um evento da *Teachers of English to Speakers of Other Languages* (TESOL).

Antes da existência da AAAL e seguindo o rastro das associações francesa e britânica, iniciou-se em 1970 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) o Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas (LAEL), liderado por Maria Antonieta Alba Celani.

Observe-se que a tônica, claramente expressa na denominação do Programa, era em ensino de línguas, especialmente as estrangeiras, da mesma forma como se praticava em terras britânicas.

Conforme narra a fundadora do Programa (Celani, 2013), à época de sua fundação, o LAEL recebeu um grande impulso devido ao interesse de professores que estavam sendo conscientizados que seria exigido um curso de pós-graduação para lecionarem na Universidade. E “o LAEL era o único Programa de pós-graduação, só mestrado naquela época, que oferecia essa possibilidade” (p. 238), o que trouxe

interessados de todo o país. Inicialmente, os trabalhos eram voltados para o que o então corpo docente considerava ser Linguística Aplicada, tais como Análise Contrastiva e Análise de Erros.

A título de ilustração, menciono algumas pesquisas desenvolvidas em nível de mestrado e doutorado por professores que lecionaram no LAEL. Uma das primeiras teses defendidas, em 1972, de Mary Aizawa Kato e orientada por Antonieta Celani, intitulou-se 'A representação Semântica do Artigo definido'. Em 1973, Maria Cecília de Souza e Silva concluiu seu mestrado, orientada por Leila Barbara, com a dissertação 'As orações relativas introduzidas pelo pronome Que'. John Robert Schmitz defendeu seu doutorado em 1975, tendo sido orientado por Leila Barbara, com a tese 'A ocorrência de ser e estar em orações predicativas e o ensino de português para falantes de inglês'. Na segunda década de implantação do Programa, precisamente, em 1980, Maria Cecília Camargo Magalhães apresentou a dissertação 'O número de argumentos novos na compreensão, na recordação e no tempo de leitura', sob a tutela de Mary Kato. E, em 1982, Kanavillil Rajagopalan, titula-se doutor em LA, orientado por Leila Barbara, com a tese '*Negation and Denial: a study in the theory of Speech Acts*'.

Ao final da primeira década do LAEL começou a ser gestada uma iniciativa de grande impacto nacional que o fez reafirmar-se como centro difusor de conhecimento em Linguística Aplicada: o Projeto Nacional Ensino de Inglês Instrumental em Universidades Brasileiras, amplamente conhecido como Projeto ESP (*English for Special Purposes*), liderado pela inovadora Antonieta Celani. Esse projeto foi um divisor de águas para o ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras no Brasil. Inaugurou novos paradigmas, transformou e alavancou o fazer científico em nossa área e em tantas outras que precisavam da língua internacional para se fazerem presentes no mundo.

Ele foi fruto (Celani, 2009) de conversas com o professor visitante Maurice Broughton, que havia tido experiência com ESP na Tailândia. Contando com o subsídio da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Professores de Ensino Superior), a partir de 1978 foram levantadas as necessidades de vinte universidades federais de norte a sul do Brasil. Contando com mais apoios, como o do governo britânico, por meio do *Overseas Development Administration* (ODA) e do British Council, além do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), para o

desenvolvimento do projeto nacional, três especialistas em ESP passaram a integrar também o corpo docente do LAEL: Anthony F. Deyes, John L. Holmes e Michael R. Scott.

Contribuições desses diálogos logo expandiram as áreas de interesse da Linguística Aplicada para além do ensino-aprendizagem de línguas, abarcando saberes não somente da linguística, como igualmente, entre outros, da sociologia, psicologia, antropologia, teorias da comunicação, da tradução e da informação, todos voltados para compreensão e reflexão sobre a prática e problemas sociais em contextos específicos, tendo a linguagem como central e constitutiva (Motta-Roth, Selbach e Florêncio, 2016).

Em decorrência dessa significativa expansão, a sigla LAEL, que antes especificava ‘ensino de línguas’, passou, em 1997, a significar Linguística Aplicada aos Estudos da Linguagem.

Atualmente, a área de concentração do LAEL é, como a própria sigla antecipa, Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. E as linhas de pesquisa que abarca são Linguagem e Patologias da Linguagem, Linguagem e Educação, Linguagem e Tecnologia e Linguagem e Trabalho (<https://www.pucsp.br/pos-graduacao/mestrado-doutorado/linguistica-aplicada-e-estudos-da-linguagem>).

Precisamos voltar um pouco no tempo para lembrar de um marco altamente relevante para os Programas de Pós-Graduação que integramos: a fundação da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), em 1984. Ligados à Associação, foram constituindo-se Grupos de Trabalho (GT) que representam as várias vertentes dessa profícua grande área. Hoje são cinquenta e seis GT devidamente registrados na página da ANPOLL (<https://anpoll.org.br/2022/grupos-de-trabalhos/>), abrangendo divisões, por exemplo, dedicadas aos estudos da literatura, da poesia, da linguística, da análise do discurso, de línguas indígenas, de LIBRAS, do ensino-aprendizagem e da nossa LA. Particularmente com o nome LA em sua composição, são apenas três GT: Práticas Identitárias na Linguística Aplicada, constituído em 1999; Formação de Educadores na Linguística Aplicada, de 2012; e Ensino e Aprendizagem na Perspectiva da Linguística da Linguística Aplicada, de 2013.

Embora se possa pensar que tenha havido um tempo demasiado longo até a criação dos GT de LA, deve-se pontuar que antes de se tornar GT, os Grupos passaram por um tempo de estruturação e fortalecimento, sendo designados de sub-GT. Ilustrando, o GT a que estou vinculada, o de Formação de Educadores na Linguística

Aplicada, começou como sub-GT em 1999, tendo sido aprovado como GT somente em 2012. Ademais, há que se considerar que vários GT, embora não tenham LA no nome, têm aí suas origens, como é o caso, para citar alguns, do GT Linguística Sistêmico-Funcional, e do GT Linguagens e Tecnologias. Vários outros têm interação próxima com a LA.

Voltando a Programas, após o precursor LAEL, outros denominados de Linguística Aplicada surgiram, como o da UNICAMP, o da Universidade Estadual do Ceará, o da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o da Universidade de Brasília e o da Universidade de Taubaté. Consultas às páginas eletrônicas de cada Programa nos mostram seus principais atributos.

O Programa da Unicamp, braço do Instituto de Estudos da Linguagem, de acordo com sua página virtual (<https://www.iel.unicamp.br/pos-graduacao/linguistica-aplicada/programa-linguistica-aplicada/>), foi credenciado para o mestrado em 1987 e para o doutorado em 1993. Na apresentação do Programa, é destacada a constante mudança transformadora que o caracteriza. As três linhas de pesquisa, subordinadas à área de concentração claramente como Linguística Aplicada definem-se como Linguagens e Educação Linguística, Linguagens e Tecnologias e Linguagens, Transculturalidade e Tradução.

Na Universidade de Taubaté (Unitau), uma instituição municipal, localiza-se desde 1995 o Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, ao qual me orgulho de ter integrado. Após algumas atualizações estruturais ao longo de seus trinta anos, suas três áreas de pesquisa – Ensino e Aprendizagem de Línguas, Formação de Professores de Línguas e Processos Discursivos de Linguagem Verbal e Não Verbal, compõem a área de concentração Língua Materna e Línguas Estrangeiras para formar mestres.

Na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) está sediado por trinta anos o Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em LA (PIPGLA) Não pode passar despercebida a inclusão do qualificativo ‘Interdisciplinar’, já que esta é uma tônica das pesquisas que desenvolve, além de frisar sua identidade indisciplinar, em seguimento às elaborações de Moita Lopes (2006), conhecido pesquisador da Instituição. A área de concentração é Interação e Discurso, que se realiza em três linhas de pesquisa:

Discurso e Letramentos, Discurso e Práticas Sociais e Discurso e Transdisciplinaridade. (<https://posl aplicada.let ras.ufrj.br/pt/>).

O Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará teve início em 1998 e foi o primeiro mestrado da Instituição, sendo que hoje oferece mestrado e doutorado. Sua área de concentração é Linguagem e Interação e atualmente oferece três linhas de pesquisa, a saber, Linguagem, Tecnologia e Ensino, Multilinguagem, Cognição e Interação, e Estudos Críticos da Linguagem. (<https://www.uece.br/posla/>).

O Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PPGLA) da Universidade de Brasília (UnB) forma mestres desde 2000 (<https://pgla.unb.br/>). A pesquisa concentra-se na área de Linguagens, Práticas Sociais e Educação, sendo dividida em Ensino, Aprendizagem e Formação de Professores, e Linguagem, Cultura e Sociedade.

As especificidades de cada um dos seis Programas que carregam o nome Linguística Aplicada proporcionam algumas observações dignas de nota. Geograficamente, quatro, incluindo o pioneiro LAEL, em São Paulo, estão localizados entre Rio e São Paulo, os principais centros acadêmicos do país, sendo uma das instituições federal (UFRJ), outra estadual (UNICAMP), a terceira municipal (Unitau) e uma particular (PUC-SP). No centro do país está o Programa da UnB e no Nordeste o da UECE. Mestrado e doutorado são oferecidos em quatro Programas – na Unicamp, na UECE, na PUC-SP e na UFRJ. Mantendo o propósito original da LA no Brasil, três Programas mantêm o foco em ensino e/ou formação de professores de línguas, especificamente, os da UECE, da UnB e da UNITAU. Ainda, dentre os seis, a metade específica o termo Tecnologia nas linhas de pesquisa, evidenciando a preocupação atual com as transformações que vivenciamos.

Pesquisas em LA, entretanto, não estão somente nessas Instituições, já que obviamente há outros programas que têm pronunciada interface com a LA, sendo geralmente denominados de Estudos Linguísticos, Letras ou Estudos da Linguagem. Estão distribuídos, feliz e naturalmente, por todo o país.

Apesar de a LA estar consolidada, ter amplo alcance, vigor científico, especificidades epistemológicas e alto poder transformador por interagir com tantos outros campos do conhecimento, ainda é desmerecidamente classificada

nacionalmente como sub-área, componente secundário da linguística teórica (Rajagopalan, 2016).

Visando entender como ela se apresenta hoje, examinemos os tipos de pesquisas que a compõem.

3. A LA QUE SE FAZ HOJE COM CORES VERDE E AMARELAS

O último Congresso de Linguística Aplicada (CBLA) ocorreu em 2025 em Aracaju, Sergipe, e teve como tema organizador 'Linguagens, Territórios e Corpos em Movimento'. A partir da leitura de seu Caderno de Resumos, é possível identificar que os trabalhos não estão organizados apenas por temas clássicos, mas por eixos amplos, interdisciplinares e críticos, coerentes com a orientação contemporânea da Linguística Aplicada no Brasil. Assim, contando com o auxílio da Inteligência Artificial (Chat GPT) para categorizar analiticamente os principais temas recorrentes, presentes nas quase oitocentas páginas do volume que agrupa conferências, mesas e comunicações, podemos compreender os desdobramentos de nossa área.

Apesar de a organização do evento ter sugerido trinta e dois temas distintos em que os participantes poderiam submeter suas propostas de trabalho, pode-se resumilos a nove eixos: (a) Linguagem, poder, colonialidade e justiça social; (b) Políticas linguísticas e direitos linguísticos; (c) Ensino-aprendizagem de línguas e formação docente; (d) Letramentos, multimodalidade e mídias; (e) Linguagem, identidade e subjetividade; (f) Multilinguismo, migração e translinguagem; (g) Metodologias de pesquisa e epistemologias da LA; (h) Linguagem, território e ancestralidade; (i) Linguagem, ambiente e antropoceno. Houve, complementarmente, uma reflexão meta-acadêmica que incluiu a história da LA, da ALAB (Associação de Linguística Aplicada do Brasil) e CBLA, editoração científica e financiamento de pesquisas.

O eixo distintivo deste CBLA deriva de seu tema título e se organizou ao redor de linguagem, território e ancestralidade. Abordou-se, então, cosmologias afro-indígenas, linguagens ancestrais, território e memória, espiritualidade e linguagem, por exemplo, do candomblé, dos saberes Xokó e do território indígena. E o tema emergente foi a linguagem discutida na perspectiva do ambiente e antropoceno, quando se versou

sobre ecologia, paisagens linguísticas, vinculadas a fortes críticas ao capitalismo e exploração e crise ambiental.

Em síntese, o último CBLA mostrou que nossa área desenvolve pesquisas imbricadas na crítica social e decolonial, educação linguística embasada em políticas e direitos linguísticos, diversidade linguística acompanhada da diversidade cultural, e debateu epistemologias e metodologias da área. O painel criado no CBLA 2025, portanto, mostra a LA que ultrapassa o ensino de línguas para mostrar-se fortemente crítica e engajada socialmente, afirmando-se em marcas decoloniais e de justiça social, assentada em características profundamente interdisciplinares e políticas.

A título de comparação e visando compreender outras interpretações atuais da LA, examinemos como ela se veste em outras terras.

4. A LA DE ACOLÁ

Vejamos como estão atualmente os interesses da LA nos locais em que se originou. A primeira comparação relevante deve ser feita com a LA da França, por meio da AILA, já que nesse país surgiu a primeira organização da área. A julgar pelo anúncio do próximo congresso mundial da AILA, em 2027, a ser realizado no Canadá (<https://www.aila2027.com/AILA-2027-World-Congress>), receberão destaque: (a) a interseção de práticas digitais e aprendizagem de línguas; (b) decolonialização; (c) aprendizagem de saberes e línguas indígenas; (d) diferenças emocionais e individuais em multilinguismo e aprendizagem de línguas estrangeiras; e (e) estudos da tradução teórica e crítica.

É interessante observar que nas instruções de submissão de trabalhos salienta-se que ‘as propostas relacionadas a línguas indígenas, minoritárias e não geralmente ensinadas são encorajadas’, assim como ‘a participação de membros de comunidades visivelmente minoritárias, como a étnica, sexual e de gênero, e a participação de povos originários é fortemente apoiada’. Possivelmente esse destaque se deva a questões caras especialmente ao Canadá, que sedia o evento, embora esse enfoque seja popular em outros países e continentes.

A *British Association of Applied Linguistics* (BAAL) terá seu evento anual em setembro deste ano, em Birmingham, e escolheu como temática ‘A Linguística Aplicada

em Transformação’, ecoando as inquietações que nos são comuns. Coerentemente, foram aceitos trabalhos que discutem os desafios e oportunidades colocados pelos processos digitais e inteligência artificial, transformações metodológicas na pesquisa da área, e transformações em paradigmas em linguística aplicada. Deve-se observar que a Associação, em sua página, indica ter intercâmbio próximo com organizações e instituições que tenham interesse comum, de forma especial com a AILA, já que ‘membros da BAAL são automaticamente membros da AILA’ (<https://baal2026.com/>).

A temática eleita para organizar as discussões da AAAL 2026, que aconteceu em Chicago em março de 2026, foi ‘Reimaginando Práticas Disciplinares’ (*Reimagining Disciplinary Practices*). A escolha do tema baseou-se, conforme explicitado na página do evento (<https://www.aaal.org/aaal-2026-conference>), no questionamento de como a LA pode continuar relevante ante tantas e enormes demandas de nossos tempos. A preocupação colocada é como manter a identidade da LA tornando suas fronteiras mais permeáveis. Por esse motivo, de acordo com a ‘AAAL Brochure 2026’, incentivou participantes de ‘sub-disciplinas’ a se engajarem na discussão, especialmente seus convidados especiais que mostraram uma “área que é ampla, interdisciplinar e socialmente engajada”. As falas dos convidados trouxeram elaborações sobre: (a) equidade em publicações, (b) linguagem e política autoritária, (c) avaliação de multilinguismos, (d) aplicações forenses e legais, (e) reflexões epistemológicas sobre a área, como uma proposta de se alterar o foco da LA da linguagem para as pessoas e comunidades que usam a linguagem, e (f) consequências do bilinguismo e multilinguismo para a cognição e o cérebro.

Se compararmos o enfoque dado pela AAAL com a LA praticada no Brasil, podemos perceber que já ultrapassamos essa barreira, uma vez que, conforme anteriormente pontuado, nos caracterizamos pela inter-, trans- e INdisciplinaridade, pois identificamo-nos como transgressivos, cambiantes, híbridos em nossa versão suleada e mestiça.

Pereira (2026), todavia, argumenta que tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos da América a LA é ampla, interdisciplinar e relevante socialmente, embora tenha se desenvolvido por caminhos institucionais, teóricos e políticos diferentes. Complementa o pesquisador:

A Applied Linguistics dos Estados Unidos da América é geralmente organizada por áreas de pesquisa especializadas e aplicações profissionais em educação, avaliação, política, tecnologia, saúde, direito, migração e comunicação em locais de trabalho. A Linguística Aplicada brasileira é geralmente organizada por debates epistemológicos e políticos mais amplos sobre linguagem e práticas sociais. Ambas as versões são interdisciplinares e voltadas para a resolução de problemas, mas diferem em como narram suas histórias, definem suas audiências, publicam pesquisa e posicionam a linguagem em relação à sociedade. (Pereira, 2026, p. 4)¹

Complementarmente, com o intuito de oferecer uma visão mais ampla, embora sucinta, do espectro mundial, menciono duas obras recentes e representativas das pesquisas realizadas em nome da LA: *The Routledge Handbook of Applied Linguistics* (Wei, Hua; Simpson, 2024) e *ELF and Applied Linguistics: reconsidering Applied Linguistics from ELF perspectives* (Murata, 2024). Ambos os livros expõem um painel de estudos desenvolvidos em países diversos, dentre os quais destacam-se um longo rol de temas: políticas linguísticas, multilinguismo, migração, raça, discurso crítico, linguagem digital, comunicação intercultural, identidades, gênero e sexualidade, linguagem de sinais, lexicografia, tradução e interpretação, multimodalidade, línguas minoritárias ou indígenas, ecolinguística e translinguagem.

Vemos, portanto que a LA, por refletir questões e problemas sociais reais, absorve as cores e matizes dos contextos locais e culturas em que está localizada. Mas, além de situada, há uma LA que é singularmente de cada um de nós. E, com licença, é à minha LA que me volto a seguir, em uma narrativa diacrônica e sentimental.

5. A LA QUE TENHO VIVIDO

Uma das palestras do 14^o. CBLA argumentava que a ‘LA nasce dos desejos e buscas pessoais’ (Paraquett, 2025). Comigo foi assim. Sem grandes pretensões, tendo

¹ U.S. Applied Linguistics is often organized by specialized research areas and professional applications across education, assessment, policy, technology, healthcare, law, migration, and workplace communication. Brazilian Linguística Aplicada is often organized by broader epistemological and political debates about language as social practice. Both fields are interdisciplinary and problem-oriented, but they differ in how they narrate their histories, define their audiences, publish research, and position language in relation to society. (Pereira, 2026, p. 4)

a PUC-SP perto da minha casa e alguns de meus ex-professores atuando na pós-graduação do LAEL, como Fernando Tarallo, que foi meu professor de Alemão e na academia ficou conhecido por dedicar-se à Sociolinguística, fui me aproximando do curso que mudaria minha vida.

Aos mais recentes afiliados, talvez seja curioso saber que naquela época, início dos anos 1980, o mestrado era de cinco anos. Não havia internet para buscarmos referências ou ajuda e os trabalhos eram escritos na máquina de escrever. Os textos referência eram xerox dos que os professores traziam do exterior, ou outros arduamente conseguidos. Felizmente o LAEL assinava alguns Journals, como o TESOL Quarterly, e tinha alguns livros que podíamos consultar. Várias disciplinas eram em inglês, ministradas por professores de outras terras. Os Congressos nacionais eram raros. E é digno de nota observar que o Currículo Lattes foi lançado apenas em 1999, quando eu já havia terminado o doutorado.

Quando fui admitida no LAEL, o ESP estava em seu momento áureo, então várias de minhas colegas seguiam esse nicho. Eu achei por bem pesquisar uma questão que me inquietava na prática como professora de inglês em um instituto de idiomas. Meu questionamento era se o *Communicative Approach*, então popular no Brasil, auxiliava de fato os alunos a aprenderem inglês para a vida. Felizmente, o professor John Holmes aceitou me orientar, com seu jeito inglês sério e rigoroso.

Minha dissertação foi a primeira do LAEL a ser feita no computador, embora naqueles tempos o aparelho ainda não tivesse acentos, já que era importado diretamente dos Estados Unidos da América. Então, todos os acentos da dissertação fiz à mão. Resultou o trabalho intitulado 'Uma Avaliação do Desempenho Oral Comunicativo de Aprendizes de Língua Estrangeira' (Romero, 1989). Na qualificação contei com a experiência e competência de dois grandes representantes do LAEL, professores Michael Scott e Maria Antonieta Alba Celani. Já na defesa, fui arguida por linguistas aplicados mais recentes na área, embora também renomados: professora Maria Cecília Perez de Souza e Silva e Luiz Paulo da Moita Lopes, da UFRJ, recém chegado de seu doutorado na Inglaterra. Conheci ambos no dia da defesa.

Meu estudo examinou a habilidade oral dos alunos de nível intermediário do instituto de idiomas onde eu trabalhava, em São Paulo. Fiz uso de três instrumentos de avaliação (Canale; Swain, 1980). Em um deles, um aluno descreveu em inglês um

desenho cômico do cartunista Glauco a um colega que, sem vê-lo, teria de reproduzi-lo. O segundo instrumento foi uma entrevista em que os alunos falaram sobre suas atividades cotidianas e seus passatempos. E o terceiro instrumento foi o comente utilizado no Instituto. Nos dois primeiros instrumentos, houve grande uso de estratégias de comunicação (Faerch; Kasper, 1984), o que não apareceu no último. Resultaram críticas à Abordagem Comunicativa, especialmente apontando a necessidade de se incluir práticas que se aproximassem mais a comunicações reais e instrumentos avaliativos coerentes.

Por cinco anos limitei-me a lecionar em Universidades particulares, dentre elas a própria PUC-SP, e fiz alguns cursos como aluna isolada no IEL (Instituto de Estudos da Linguagem) da UNICAMP. As disciplinas que cursei lá também se inseriam em ensino-aprendizagem de línguas. Nesse interstício também apresentei trabalho em meu primeiro Congresso internacional, o TESOL (Teachers of English to Speakers of Other Languages), em Atlanta, na Georgia (EUA), onde a tônica permanecia ensino-aprendizagem de inglês como língua estrangeira e formação de professores de inglês.

Quando voltei ao LAEL oficialmente para o doutorado encontrei um cenário diferente. Os professores estrangeiros não estavam mais lá e personagens até então estranhos para mim – Vygotsky e Bakhtin - eram ouvidos nos corredores e em aulas. Eu também havia ouvido palestras que mencionaram reflexão crítica e linguística sistêmico-funcional. Logo quis saber dessas novidades e, apesar de somente precisar cursar três disciplinas, fiz nove. Eu precisava me inteirar da nova LA que agora existia.

Minha orientadora foi a professora Maria Cecília Camargo Magalhães, que havia feito o mestrado no LAEL e que, tendo se doutorado nos Estados Unidos da América, entusiasmava a todos com seu vigor e adesão à reflexão crítica. Mais uma vez minha motivação veio de um projeto que eu estava realizando como coordenadora pedagógica de um curso de português para estrangeiros (PLE) na USP (Universidade de São Paulo).

A tese, com o título 'A Interação Coordenador e Professor: um processo colaborativo?', investigou a prática discursiva entre a coordenadora pedagógica, que era eu mesma, e a professora do curso de PLE, visando verificar como eu promovia na e com a professora a reflexão da prática pedagógica. Os embasamentos teóricos vieram do quadro vygotskiano (Vygotsky, 1994), particularmente no tocante ao papel do

mediador no processo de construção de conhecimento, da teoria crítica como base do desenvolvimento do educador (Smyth, 1989), e na gramática sistêmico-funcional (Halliday, 1994), utilizada como instrumento para o estudo da materialidade linguística que traz à tona significados em contextos sociais específicos (Romero, 1998). Essa era uma LA completamente distinta da que eu havia conhecido no mestrado. Que mudança!

Durante o doutorado tive ainda a honra de participar de um projeto em que permaneci por doze anos, o 'Reflexão sobre a Ação: o professor de inglês ensinando e aprendendo', liderado pela revolucionária Celani. Ele se vinculava ao programa 'A Formação Contínua do Professor de Inglês: um Contexto para a Reconstrução da Prática' e visava "contribuir com a construção da identidade social do professor de língua estrangeira, neste caso de inglês, e das maneiras como o conhecimento identitário construído afeta as práticas discursivas e as relações sociais" (Celani, 2002, p. 19).

Essa iniciativa, feita sob medida para o professor da escola pública e contando com a parceria do LAEL/PUC-SP e a Cultura Inglesa de São Paulo, conforme explicitou Celani (2002), não era um tradicional curso de formação de professores, principalmente no que concerne o campo de línguas estrangeiras, que prescrevia o que o professor deveria fazer em sala de aula. Foi pioneiro por abordar a formação não como treinamento, mas partindo das representações, dos conhecimentos e das práticas dos professores que atuavam na escola pública do Estado de São Paulo.

Com a Coordenação da Professora Celani, atuávamos doutorandos e outros professores com módulos baseados na reflexão da prática. O módulo que ministrei foi o 'Auto-avaliação no Processo Reflexivo' que se organizava ao redor de duas atividades principais: a elaboração de uma autobiografia pelos professores e a gravação de um vídeo em uma das salas de aula em que atuavam. Por meio da autobiografia, discutíamos como as crenças de cada um sobre ensinar e aprender foram sendo construídas e quais teorias inconscientes daí emergiam. Com os vídeos, identificávamos juntos como essas teorias se realizavam na prática, com o objetivo de reconstruí-las, se necessário. Sustentavam as discussões o processo de reflexão crítica segundo Smyth (1992), que pressupõem questionamentos e problematizações conduzidas pela educadora.

Esse projeto foi profundamente transformador para todos que estávamos envolvidos, educadores e professores e afetou consideravelmente os entendimentos

sobre formação de professores de línguas em todo o país. Ele conseguiu produzir conhecimentos investidos de paradigmas inéditos e gerou em minha época quatro livros que até o presente são influentes na área.

Outro capítulo importante de meu percurso teve início na Unitau, para onde fui conduzida pelas mãos da professora Solange Castro. Essa Instituição municipal de grande tradição foi a primeira a confiar em meu potencial para atuar em nível de pós-graduação e poder, assim, colaborar com a formação de novos linguistas aplicados. As disciplinas que ministrei no PPG-LA da Unitau discutiam as principais elaborações vygotskianas e a linguística sistêmico funcional, que foram as bases de minha tese. As dissertações que lá orientei enfocaram a formação de educadores de português (língua materna e língua estrangeira), inglês ou espanhol, partindo de autobiografias, registros em diários, transcrições de aulas ou reuniões pedagógicas. Toda produção dessa época inseria-se no Projeto Auto-avaliação do educador de língua estrangeira/materna.

Enquanto lecionava na Unitau, fui buscar em pós-doutorado na UNICAMP, especificamente na Faculdade de Educação, maiores subsídios teóricos vygotskianos para embasar minhas aulas. Era claro para mim que eu precisava complementar com conceitos cruciais da Educação a LA que pratico, a dedicada à formação de professores de línguas. Em acréscimo, tenho participado de cursos e palestras à distância ou presenciais para me atualizar nos intrincados e dinâmicos caminhos da Linguística Sistêmico-Funcional.

Atualmente, na Universidade Federal de Lavras, venho desenvolvendo o projeto MIHNA (Memória, Identidades e História em Narrativas). O objetivo é investigar e refletir sobre processos de construção identitária de indivíduos voluntários, dentre os quais notadamente professores em formação inicial ou continuada, que tenham experimentado uma experiência de aprendizagem impactante. Dentre as experiências de interesse estão intercâmbio internacional, participação na vida artística ou introdução a uma profissão. Especificamente, proponho-me a identificar momentos de virada no percurso dos colaboradores para identificar processos de construção identitária; compreender significados construídos na linguagem; refletir sobre processos de aprendizagem vivenciados. O projeto visa promover a valorização e conscientização crítica do viver, interpretar e transformar (-se).

O aparato teórico de minha pesquisa advém principalmente da construção identitária e se complementa com a linguística sistêmico-funcional para trazer luz a narrativas pessoais (Reichmann e Romero, 2019). No que tange Identidades, alinho-me (Romero, 2020; 2022) a autores estrangeiros, tais como Bauman (2004), Hall (2005), Nóvoa (2000), Norton (2013); Norton e Lauwo (2024), bem como brasileiros (Moita Lopes, 2002, 2003), Paiva (2007), Souza (2016), Barcelos (2017). O entendimento comum entre esses autores é que a identidade é contextual e dinâmica, uma vez que afetada por interações sociais diversas, relações de poder, desenvolvimentos tecnológicos, sistemas de significação e representação cultural em constante mutação. Interações e experiências de vida constroem modos de se estar e agir no mundo, assim como as compreensões que fazemos dele e seus inúmeros contextos.

Para Norton e Lauwo (2024, p. 37), “Identidade e agência humana são expressas na e por meio da linguagem. A linguagem é, assim, mais que um sistema de signos; é prática social em que experiências são organizadas e identidades negociadas”. (tradução nossa).²

Em virtude dessa relação indissociável entre identidades e linguagem, combino invariavelmente em minhas investigações ambos os estudos. Examinio a linguagem valendo-me do instrumental oferecido pela Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), com as contribuições de Halliday e Matthiessen (2004); Martin e White (2005) e Fuzer e Cabral (2014), dentre outros. Na perspectiva da LSF, a linguagem tem base semântica e é vista como um construto social que produz significados. As escolhas gramaticais, lexicais e textuais realizadas por usuários da língua constroem significados sobre relações interpessoais, experiências pessoais, sociais, bem como trazem à tona visões de mundo. Esse conceito de linguagem que possibilita a análise da linguagem calcando-se em sua materialidade e situando textos socialmente, portanto, faz da LSF um aporte apropriado para ancorar as interpretações das narrativas analisadas em meu grupo de pesquisa.

² Identity, and human agency, is expressed in and through language. Language is thus more than a system of signs ; it is social practice in which experiences are organized and identities negotiated.¹

As narrativas, como indicado anteriormente, constituem-se no recurso metodológico de acesso às construções identitárias. É por meio das narrativas, sejam autobiografias, diários ou entrevistas, que fatos, experiências, vivências, sentimentos, emoções, desafios, esperanças etc, são desvelados. O ato de narrar torna possível que as significações e interpretações geradas tornem-se conscientes e sejam ressignificadas pelo narrador.

Na pesquisa com narrativas, por meio da qual temos acesso a significações tecidas pelo outro através da linguagem sobre seu contexto, o narrador destaca seu papel intrínseco na história (Bruner, 1990, 2014; Gomes Jr., 2020). Narrativas orais, escritas e multimodais têm ocupado uma função privilegiada no contexto acadêmico por permitirem trazer à tona o cotidiano, práticas, identidades, motivações e interpretações de grupos sociais e indivíduos segundo a voz de seus próprios participantes. Constatase no desenvolvimento do mundo que é a narrativa que nos constitui e constitui os outros para nós, sendo esse o motivo de ser considerada um instrumento para se estudar e refletir sobre o desenvolvimento identitário, já que tematiza fatos e experiências vivenciados ou planejados para compor significados (Barcelos, 2017).

Considerando o poder das narrativas de trazer realidades, imaginários e interpretações da cultura do narrador (Murphy, Romero e Bengezen, 2024), esse instrumento é utilizado por meu grupo, metodologicamente assentado na pesquisa qualitativa. A pesquisa com narrativas nos capacitou a alcançar nosso intento de adentrarmos significações de nós mesmos e de outros, assim como nos tem levado a entender transformações pessoais, profissionais e sociais resultantes de encontros com outras culturas, tradições, conhecimentos, práticas, descobertas, desafios e situações inéditas.

Nessa etapa final de meus caminhos percorridos profissionalmente, a LA tem me apresentado com experiências instigantes e divertidas. Meus orientandos, principalmente, me conduzem por alamedas, vielas ou becos inéditos que sempre levam a belos cenários da LA. Para ilustrar, lembro de apenas alguns dos últimos estudos, atentando para sua aplicação prática.

Neves (2022) buscou entender o que os cegos de uma cidade histórica de Minas Gerais sabiam sobre a história e identidade de sua própria terra natal. Por meio da análise de várias dissertações de Letras, Oliveira (2023) apontou indícios linguísticos de

como o pesquisador traz sua voz para a argumentação. Precisamente na área de formação de professores de línguas, discutimos como o recém-formado se transforma em professor em plena pandemia (Carneiro, 2024) e como a agência alavanca desenvolvimentos acadêmicos e profissionais (Rodrigues, 2025).

Ousamos trabalhar com as memórias de uma vítima de pedofilia para refletir sobre suas ressignificações do fato traumático (Oliveira e Romero, 2021). Procuramos entender o desenvolvimento de interculturalidade de estrangeiros vivendo no Brasil e brasileiros intercambistas no exterior (Romero, 2022; Candido, 2025). Tematizamos a experiência de atores de teatro, com foco em suas emoções e desafios para nos aproximarmos de seus processos de construção identitária (Romero, 2024; Andrade, 2025). Debruçamo-nos em diários de uma mestranda para compreender como ela foi se construindo como pesquisadora (Silva, 2026).

Em desenvolvimento atual, estamos investigando o processo decisório de um professor para planejar e ministrar aulas de onze línguas diferentes. E aventuramo-nos na área legal para tentarmos decifrar mecanismos linguísticos presentes em boletins de ocorrência no contexto da Lei Maria da Penha que levam à decisão do destino de tantos supostos algozes e supostas vítimas.

6. REFAZENDO-ME/NOS NA E COM A LA

Na e com a LA temos percorrido - no Brasil e em outros lugares do planeta - um caminho longo e fértil, que nos mune de uma miríade de lentes, e nos faz ver e entender nossa sociedade, seus sub-grupos e o ser humano que nela habita com suas mazelas, aventuras, emoções, evoluções, desenvolvimentos e projeções. É uma ciência humana para os humanos, adentrando-nos por meio de sua expressão mais significativa: a linguagem.

É Aplicada porque aplica-se a nós, nossa sociedade próxima e distante, tentando desvendar nossos mistérios e sobre eles incidir. Não se restringe, daí ser generosa e aberta para aprender e contribuir com outras ciências. Começou tímida e agora revela-se ambiciosa. Por isso é inovadora e me/nos renova.

Quantas histórias vivi! Quantos eus os outros me fizeram! Que bom ter escolhido e ter sido escolhida pela Linguística Aplicada! Para onde mais ela me/nos levará? Apertem os cintos para decolarmos para outros mundos com eLA!

REFERÊNCIAS

AAAL <https://www.aaal.org/aaal-2026-conference>, acesso em 4 de maio de 2025.

AILA <https://www.aila2027.com/AILA-2027-World-Congress>, acesso em 4 de maio de 2026

ANDRADE, Rafael S. **O ator que ensina e o professor que encena**: interações identitárias entre a construção do ator e do professor. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Português e Inglês) - Universidade Federal de Lavras. 2025.

ANPOLL <https://anpoll.org.br/2022/grupos-de-trabalhos/>, acesso em 17 de maio de 2026

BAAL <https://baal2026.com/>, acesso em 4 de maio de 2026.

BARCELOS, Ana Maria F. **Identities as emotioning and believing**. In: Gary Barkhuizen (Org.) *Reflections on Language Teacher Identity Research*. New York: Routledge. 2017

BAUMAN, Zygmund. *Identidade*. Rio de Janeiro: Editora Zahar. 2004

BRUNER, Jerome. **Acts of Meaning**. Cambridge: Harvard University Press. 1990

BRUNER, Jerome. **Fabricando Histórias**: direito, literatura, vida. São Paulo: Letra e Voz. 2014

CADERNO DE RESUMOS DO 14º. CBLA https://drive.google.com/file/d/1n_8rAOn0-T0qO8A5Eq2lqgfs0BtSNPA0/view, acesso em 4 de maio de 2026

CANALE, Michael; SWAIN, Merrill. **Theoretical bases of communicative approaches to second language teaching and testing**. *Applied Linguistics*, vol. 1/1. 1980

CANDIDO, Geovani Iruam D. **Reflexões sobre Construção Identitária e Interculturalidade de Intercambistas da UFLA**. Dissertação não publicada (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Lavras. 2025

CARNEIRO, Guilherme A. F. **Transformação Identitária do Professor durante sua Atuação na Pandemia observada pela Linguística Sistêmico-Funcional.** Dissertação não publicada (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Lavras. 2024

CELANI, Maria Antonieta A. **Afinal, o que é Linguística Aplicada?**. In: Mara S. Z. Paschoal e Maria Antonieta A. Celani (Orgs.) *Linguística Aplicada: da Aplicação da Linguística à Linguística Transdisciplinar*. São Paulo: EDUC. 1992

CELANI, Maria Antonieta A. **Revivendo a aventura: desafios, encontros e desencontros.** In: Maria Antonieta A. Celani, Maximina M. Freire e Rosinda C. G. Ramos (Orgs.) *A Abordagem Instrumental no Brasil: um projeto, seus percursos e seus desdobramentos*. Campinas: Mercado de Letras.

CELANI, Maria Antonieta A. **Um programa de formação contínua.** In: Maria Antonieta A. Celani (Org.) *Professores e Formadores em Mudança: relato de um processo de reflexão e transformação da prática docente*. Campinas: Mercado de Letras. 2002

CELANI, Maria Antonieta A.; GUILHERME, Maria de Fátima F.; SZUNDY, Paula T. C. **Conversas com Antonieta Celani.** In: Maria Antonieta Alba Celani e a Linguística Aplicada. Paula T. C. Szundy e Leila Barbara (Orgs.). Campinas: Mercado de Letras. 2013

FAERCH, Claus; KASPER, Gabriele. **Two ways of defining communication strategies.** *Language Learning*, vol. 34/1. 1984

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara R. S. **Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em Língua Portuguesa.** Campinas: Mercado de Letras. 2014

GOMES JUNIOR, Ronaldo C. **Pesquisa Narrativa: histórias sobre ensinar e aprender línguas.** São Paulo: Pimenta Cultural. 2020

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A. 2005

HALLIDAY, Michael A. K. **An Introduction to Functional Grammar.** Second Edition. London : Edward Arnold. 1994

HALLIDAY, Michael A. K.; MATTHIESSEN, Christian M. I. M. **An Introduction to Functional Grammar.** Third Edition. London: Hodder Arnold. 2004

INTIPE, Bernardo A. **Concepções de Linguagem de Professores de Português em Guiné-Bissau.** 2021. Dissertação não publicada (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Lavras.

MARTIN, James R.; WHITE, Peter R. R. **The Language of Evaluation: Appraisal in English.** Hampshire: Palgrave Macmillan. 2005

MASTRELLA-DE-ANDRADE, Mariana Rosa. **Identidade revelando crenças na sala de aula de formação de professores de línguas**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

MCKINNEY, Carolyn; NORTON, Bonny. (2024). **Identity, language, and learning**. In C. Leung & J. Lewkowicz (Eds.), *The Routledge Companion to English Studies* (2nd ed., pp. 225–237). Routledge. 2024

MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.) **Discursos de Identidades**: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas: Mercado de Letras. 2003

MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.) **Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola. 2006

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Identidades fragmentadas**: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MOTTA-ROTH, Desirée; SELBACH, Helena V.; FLORÊNCIO, Jane A. **Conversões Indisciplinares na Linguística Aplicada Brasileira entre 2005-2015**. In: Clarissa M. Jordão (Org.) *A Linguística Aplicada no Brasil; Rumos e Passagens*. Campinas: Pontes Editores. 2016.

MURATA, Kumiko (Org.). **ELF and Applied Linguistics: Reconsidering Applied Linguistics from ELF Perspectives**. New York : Routledge. 2024

MURPHY, M. Shaun; AUTOR; BENGÉZEN, Viviane C. (Orgs.) **O Potencial das Narrativas para a Formação de Professores**. Campinas: Mercado de Letras. 2024

NEVES, Pedro E. S. Narrativas da Pessoa Surda sobre a História de uma Cidade Mineira: análise à luz da Linguística Sistêmico-Funcional. Dissertação não publicada (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Lavras. 2022

NORTON, Bonny. **Identity and Language Learning**: Extending the Conversation. Second Edition. Bristol : Multilingual Matters. 2013

NÓVOA, António. **Vida de Professores**. 2ª. Edição. Porto: Porto Editora. 2000

OLIVEIRA, Suzan K. R. B. de. Engajamento autoral em Dissertações de Mestrado: uma análise à luz do Sistema de Avaliatividade Proposto pela Linguística Sistêmico-Funcional. Dissertação não publicada (Mestrado em Letras) Universidade Federal de Lavras. 2023

OLIVEIRA, Thiago L. de; AUTOR X. Da imersão à emersão: narrativa e transitividade na ressignificação do eu. *Organon*, Porto Alegre, v. 36, no. 71, pp35-50. 2021

PAIVA, Vera L. M. O. **Narrative and identity construction: an analysis of the L2**

learning process. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 199–214, 2007.

PARAQUETT, Márcia. **O lado bom de ser uma Linguista Aplicada em nosso país.** Conferência no 14^o. CBLA (Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada), Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2025.

PEREIRA, Gilberto. **Applied Linguistics in the United States and Linguística Aplicada no Brasil:** a comparative guide for Brazilian scholars. Artigo não publicado. 2026.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Prefácio – **Linguística Aplicada: uma subdisciplina em plena ebulição no Brasil.** In: Clarissa M. Jordão (Org.) *A Linguística Aplicada no Brasil: Rumos e Passagens*. Campinas: Pontes Editores. 2016.

REICHMANN, Carla L.; AUTOR. **Language teachers' narratives and professional self-making.** DELTA, São Paulo, vol. 35, no. 3. 2019

RODRIGUES, Walison P. Agência no processo de construção da identidade docente: uma análise reflexiva em narrativa autobiográfica. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português-Inglês, Licenciatura). Universidade Federal de Lavras. 2025

ROJO, Roxane. **Caminhos para a LA: política linguística, política e globalização.** In: Christine Nicolaidis, Kleber A. Silva, Rogério Tílio, Cláudia H. Rocha (Orgs.) *Política e Políticas Linguísticas*. Campinas: Pontes Editores. 2013

ROMERO, Tania Regina de Souza. **A Interação Coordenador e Professor: um processo colaborativo?** Tese de doutorado não publicada. LAEL, PUC-SP. 1998

ROMERO, Tania Regina de Souza. From auditions to applause: evaluating the building of an actor. Comunicação apresentada no XIX Congresso de Asociación de Linguística Sistemico-Funcional de América Latina. Universidad Autónoma de México (UNAM). México. 2024.

ROMERO, Tania Regina de Souza. **Narrativas e identidades do docente de línguas.** In: Ronaldo C. Gomes Junior (Org.) *Pesquisa Narrativa: histórias sobre ensinar e aprender línguas*. São Paulo: Pimenta Cultural. 2020

ROMERO, Tania Regina de Souza. (Org.). *O Professor de Línguas no Mundo e o Mundo no Professor*. São Paulo: Pimenta Cultural. 2022

ROMERO, Tania Regina de Souza. **Uma Avaliação do Desempenho Oral Comunicativo de Aprendizes de Língua Estrangeira.** Dissertação de mestrado não publicada. LAEL, PUC-SP. 1989.

SILVA, Dandara M. da. **Diários de mestranda na construção da pesquisadora.** Dissertação não publicada (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Lavras. 2026

SMYTH, John. **Developing and sustaining critical reflection in teacher education.** Journal of Teacher Education, vol. XXXX, no. 2. 1989

SMYTH, John. **The Teachers Work and the Politics of Reflection.** American Educational Research Journal, vo. 29 (2), pp. 267-300. 1992

SOUZA, Eliseu C. **Profissionalização, Fabricação de Identidade e Trabalho Docente.** Alguns Apontamentos Teóricos. In: Cristina C. F. D. Ferreira; Carla L. Reichmann; AUTOR (Org.) Construções Identitárias de Professores de Línguas. Campinas: Pontes. 2016

VAZ, Avelino. **Identidade Docente no Relato de Professores de Português da Guiné-Bissau.** 2021. Dissertação não publicada (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Lavras.

VYGOTSKY, Lev S. **A Formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes. 1930/1994

WEI, Li ; HUA, Zhu ; SIMPSON, James (Orgs.) **The Routledge Handbook of Applied Linguistics.** Vol. Two. Second Edition. New York : Routledge. 2024

Tania Regina de Souza ROMERO

Graduada em Letras Tradutores e Intérpretes pelo Centro Universitário Ibero Americano (Português, Inglês e Alemão, 1978). Tem mestrado e doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1989 e 1998) e pós-doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP, 2007). Atualmente é membro do Conselho Editorial de 9 Revistas Científicas da área, incluindo Intercâmbio (PUC-SP, 1413-4055), Revista D.E.L.T.A. (PUC-SP, 0102-445) e Revista The ESPECIALIST (PUC-SP, 0102-7077). É Professora Titular no Departamento de Estudos da Linguagem e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Lavras. Foi vice-coordenadora e coordenadora do Grupo de Trabalho Formação de Educadores na Linguística Aplicada, vinculado à ANPOLL. Pesquisa na área de Linguística Aplicada, com ênfase em Desenvolvimento de Educadores, Ensino-Aprendizagem de Línguas Adicionais, Avaliação de Aprendizagem, Identidades Docentes e Linguística Sistêmico-Funcional.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7876-8907> E-mail: taniaromero@ufla.br